

## Parte 1 - 500 anos de presença judaica no Brasil

### 3º capítulo - Testemunhos e histórias de vida

Bat Yam ou Yemanjá, uma fiel consumidora

Renée Avigdor

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

AVIGDOR, R. Bat Yam ou Yemanjá, uma fiel consumidora. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 381-391. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## Bat Yam ou Yemanjá, uma fiel consumidora

Renée Avigdor<sup>1</sup>

### Introdução

O presente trabalho pretende mostrar como, no atual cenário religioso brasileiro, o judaísmo se tornou uma opção religiosa. O atual mercado religioso é rico em ofertas, muitas religiões estão expostas para serem consumidas. O judaísmo, mesmo disponível apenas para uma minoria, não é mais aquela religião a que as pessoas aderem para agradar a família do noivo ou da noiva – impedir um casamento exogâmico. Para identificar a religião, no caso o judaísmo, como um produto, partimos de um estudo de caso, a história de vida de Laura que relata a adesão ao judaísmo.

Partimos de um estudo de caso de conversão, mas por que não tratamos como mais um caso de conversão? A atual realidade religiosa expressa a transformação da sociedade e da religião, permite uma liberdade de circulação entre as diversas religiões o que sugere uma falta de comprometimento religioso.

Laura, nossa informante, é membro da Comunidade Shalom, foi nesta congregação que ela se converteu e é frequentadora desde que decidiu formalizar o seu desejo de se tornar judia.

A Comunidade Shalom, sinagoga *conservativa*<sup>2</sup> de São Paulo, oferece um curso de introdução ao judaísmo, em outras palavras, conversão. Nesse contexto, as conversões se diferenciam daquelas realizadas em outras sinagogas da cidade; as congregações ortodoxas de São Paulo, não oferecem conversões desde a década de 70. As conversões que acontecem

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas FFLCH – USP.

<sup>2</sup> Conservativismo e conservativo – preferimos o uso do termo *Conservative* em inglês e suas variáveis, à tradução literal, evitando associar a esta corrente a ideia de Conservador relativo ao judaísmo ortodoxo.

na CIP<sup>3</sup> são, visando principalmente a uma cerimônia de casamento judaico, para evitar a exogamia. Nosso interesse é estudar as conversões em que o indivíduo decide aderir ao judaísmo para satisfazer a uma necessidade única e exclusivamente pessoal.

Abordar a religião como produto é uma tendência na sociologia da religião; para entendermos o conceito de mercado religioso recorreremos a Prandi que nos esclarece:

Essa ideia de mercado religioso pode ser descrita, em outros termos, como pluralismo religioso, ... Não há mais uma única fonte de transcendência capaz de dar sentido à vida e à sociedade como um todo. A religião está tão diversificada quanto tudo o mais (Prandi 1997)<sup>4</sup>.

### ***1. Por que tratar o judaísmo como uma opção religiosa?***

Mesmo não sendo popular como outras religiões, o judaísmo tornou-se, nos dois últimos séculos, uma religião mais aberta, seguindo a via de muitas das grandes religiões. Pace nos explica este movimento da seguinte forma: “a acentuada tendência de muitas das grandes religiões mundiais históricas e das novas religiões a apresentar sua mensagem em termos éticos (paz no mundo, os direitos humanos, a defesa do ecossistema, etc.) mais do que em termos teológicos e escatológicos: indicadores todos de um fenômeno que poderíamos chamar, conforme Isambert (1975) de “secularização interna” mais ou menos desejada pelos próprios responsáveis dessas religiões (Pace 1997)<sup>5</sup>. A reforma no judaísmo de onde se originaram as correntes Reformistas e Conservativas, para citarmos as mais conhecidas do público judaico brasileiro, seriam a expressão deste fenômeno a “secularização interna”. Este movimento surgiu na Alemanha no século XIX, o judaísmo “modernizou-se” para não perder seus fiéis, que se sentiam atraídos pelas correntes protestantes e visavam a assimilação. “Diferentemente da percepção tradicional, os reformistas consideram que a

<sup>3</sup> CIP – Congregação Israelita Paulista, fundada em 1936, maior congregação do Brasil em número de sócios, liderada desde 1975 pelo rabino Henry Sobel, de linha reformista.

<sup>4</sup> PRANDI, Reginaldo. A Religião e o Planeta Global. In: ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (Orgs.): *Religião e Globalização*. 2a edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1999 pág. 67.

<sup>5</sup> PACE, Enzo. Religião e Globalização. In: ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (Orgs.): *Religião e Globalização*. 2a edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1999 pág. 33.

religião judaica deve interagir e estar afinada com os desafios em que a sociedade moderna coloca aos seus membros” (Sorj 1997)<sup>6</sup>, não tendo em nenhum momento a intenção de buscar adeptos externos ao grupo.

Em nosso contexto, cenário religioso judaico em São Paulo, o processo de “abertura” do Judaísmo é em grande parte fruto da atuação de rabinos. Tratando-se de uma questão que se resolve exclusivamente com o “sacerdote”, – sacerdote como profissional religioso<sup>7</sup>; a conversão, o converso são assuntos exclusivos do rabino; a direção, o público comunitário ou seja os laicos são excluídos desses “assuntos” da sinagoga. O converso e o rabino discutem a possível conversão. Os rabinos, mesmo sendo funcionários das sinagogas, têm autonomia no que diz respeito a esta questão, porém esta autonomia está dentro dos limites dos movimentos religiosos, os rabinos são obrigados a obedecer as regras internas do movimento ao qual pertencem.

### ***2. O caso de Laura – uma opção pessoal***

Através do estudo da história de vida de Laura – nome fictício – tentaremos mostrar como se dá a aproximação de uma pessoa originalmente externa ao grupo e como podemos tratar da religião como bem de consumo.

Laura tem 36 anos, professora de esportes na Hebraica, é solteira, de classe média alta, concluiu sua conversão em dezembro de 2000 na Comunidade Shalom – São Paulo. Os caminhos que levaram Laura ao judaísmo são, em um primeiro momento, seu pai que lhe falou de judaísmo, ainda em sua infância; em seguida, sua curiosidade a levou a ler sobre religiões e psicologia, que para Laura estão intimamente relacionadas. Quando adulta, torna-se sócia e funcionária da Hebraica. Há quase uma década envolvida em um ambiente de trabalho judaico, é na Hebraica que Laura realiza seu desejo de mudar de identidade religiosa e dá início a sua conversão com o rabino Adrian Gottfried, da Comunidade Shalom de São Paulo.

<sup>6</sup> SORJ, Bila, Conversões e Casamentos “Mistos”: A Produção de Novos Judeus. In: SORJ, Bila (Org.) *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Imago, 1997 pág. 78

<sup>7</sup> Usamos aqui o termo sacerdote no sentido weberiano, que significa: profissional religioso, diferentemente do entendimento do termo sacerdote usado no judaísmo primitivo, correspondente ao cargo ocupado pelos descendentes de Aarão responsáveis pelos cerimoniais dos Templos (o de Salomão e o II)

No início, Laura nos conta, o pouco que sabia sobre judaísmo que aprendeu com seu pai:

O meu pai frequentava a casa de pessoas da comunidade judaica. No Rio, os meus médicos todos eram judeus, sempre tiveram muitos amigos ... E meu pai que é um cara apaixonado por Freud, sempre falou de Freud, de judaísmo, de Moisés e o monoteísmo, então a coisa sempre foi muito frequente na minha casa. Meu pai tinha muitos amigos judeus, meu irmão é circuncidado, meu irmão gêmeo, eu sou gêmea de um homem, então ele foi circuncidado quando ele nasceu.

Nossa entrevistada se converteu dentro da corrente *conservativa*. De acordo com a linha *conservativa*, o fiel deve cumprir os mandamentos, observar as regras dietéticas – *Kashrut*<sup>8</sup> e o *Shabat*<sup>9</sup>. A Comunidade Shalom não “obriga” o fiel a cumprir estes mandamentos, deixando o público comunitário, incluindo os novos fieis – conversos, livres para decidir o quê e quando cumprir. O rabino Adrian Gottfried afirma que é através do estudo que o fiel pode vir a ser mais observante, isto é, o estudo eleva o aspecto espiritual que leva ao cumprimento das *mitzvot*<sup>10</sup> – mandamentos.

Não questionamos se Laura é ou não judia por cumprir ou não certos mandamentos, porque uma vez que ela passou pelos rituais de conversão e foi legitimada por uma autoridade religiosa, no caso o rabino da corrente *conservativa*, que estabelece os critérios de entrada no grupo, Laura é judia.

Laura nos conta sobre seu envolvimento com o judaísmo, como o interesse foi se transformando em comprometimento, culminando na decisão de formalizar seu compromisso:

E cada vez eu fui conhecendo mais a religião e gostando mais, então há uns 10 anos eu jejuo, eu sigo todas as tradições, antes de me converter eu já seguia. ... jejuar é menos tempo, uns cinco anos, mas assim Rosh Há Shana<sup>11</sup>, eu ia na sinagoga, eu comemorava, uma coisa assim foi indo meio light. Quando eu vi, eu estava envolvida até o pescoço. ...Há

<sup>8</sup> Kashrut/kasher: leis dietéticas, (hebraico, significa “apropriado”) termo para qualificar o alimento que é permitido comer, segundo as leis dietéticas judaicas.

<sup>9</sup> Shabat:(hebraico, para o dia de descanso obrigatório “Sabá”) O Shabat Judaico vai do anoitecer da sexta-feira ao sábado à noite.

<sup>10</sup> Mitzvá (hebraico,significa “mandamento”; pl.” mitzvot”) Termo usado originalmente para os mandamentos divinos na Bíblia, mas que mais tarde veio a se referir a qualquer boa ação.

<sup>11</sup> Rosh Há Shaná (hebraico, significa “cabeça do ano”), isto é a festa do Ano-novo.

uns três anos eu resolvi me converter mesmo assim, foi como eu falei no dia da minha conversão, quando me perguntavam que religião você é e eu falava: meia calabresa meia catupiry! Porque eu não tinha uma religião, eu não podia dizer que era judia, apesar de me sentir judia, então isso me incomodava também. Porque assim, meu amor a Deus, o meu lado judaico, eu sempre tive e nunca tive que provar nada pra ninguém. Eu não saber o que eu era, como uma palavra, que religião você é pro forma mesmo, isso me incomodava...Minha conversão foi muito natural, foi indo, sabe quando você acorda e já esta toda formada, não foi uma coisa: eu acordei e falei vou ser judia, quando eu acordei, eu já era judia.

Deste longo trecho, extraímos algumas conclusões: em primeiro lugar percebemos como o envolvimento de Laura com o Judaísmo foi uma coisa gradual, que leva quase uma década para ser formalizado. Vemos, também, como Laura utiliza os meios de comunicação para satisfazer seu interesse, lendo livros sobre religião. Esse envolvimento foi tomando proporções, no início, cumprindo as obrigações religiosas espontaneamente, ela foi percebendo sua identidade judaica, tomando mais espaço até o momento que Laura decide, por uma necessidade individual, definir-se como judia, isto é, formalizar a sua identidade.

A adesão formal a uma religião exige a passagem por rituais, no caso, para a adesão ao judaísmo existe uma série de rituais de iniciação. Vemos como a passagem por estes rituais é uma necessidade pessoal, de Laura, de formalizar, de estabelecer, para ela mesma e para o grupo, a fronteira entre estar dentro ou fora do grupo. De acordo com o discurso de Laura, temos a impressão de que esta é uma certeza, no entanto, questões muito práticas ainda a impediam de concretizar esse desejo, e na frase seguinte ela nos revela:

Mas eu falava, vou me converter vou casar com Goy e vai dar a maior confusão, e ai tem homem na parada, então isso me segurou um pouco para falar a verdade... Porque eu não sabia com quem eu ia casar. Se eu casasse com um não judeu, como é que ia ser? complicava, né, quer dizer nem sou judia e ia casar com um cara que não é judeu, e ele tem que ser judeu. Isso me bagunçava um pouco a cabeça.

Na construção de sua nova identidade religiosa, Laura se depara com problemas concretos como a questão do casamento, e enfrenta sua insegurança com relação a identidade judaica que está prestes assumir, justificando as várias interrupções do processo por motivos financeiros: porque que eu parei,

foi por causa do dinheiro, porque estou trabalhando, sempre tinha alguma coisa que eu tinha que parar o curso de conversão... E sempre na hora do vamos ver, eu parava, eu não tinha uma data exata pra fazer a conversão, agora eu voltei e falei, então, em dezembro, vamos fazer a conversão.

### 3. Mercado religioso

Para esclarecer o conceito de mercado religioso, Donnadiou afirma que hoje, aderir a uma religião é o mesmo que adquirir um bem de consumo. “Ao contrário da concepção durkheimiana, a religião perdeu sua dimensão coletiva, fundamentada no vínculo social e na identidade de grupo, a dimensão coletiva foi substituída pela satisfação individual do fiel/consumidor” (Donnadiou 2001)<sup>12</sup>. Tratamos a religião como produto, para isto nos apropriamos de conceitos do campo econômico como: bem de consumo e mercado. Na sociedade ultramoderna, os produtos se tornaram cada vez mais padronizados; isto é verdadeiro também para os produtos simbólicos, o que facilita e agiliza o processo de produção, mas ao mesmo tempo, esses produtos tornam-se cada vez mais exclusivos atraindo o consumidor que está em busca de algo único” (Hervieu Leger)<sup>13</sup>

Como isto ocorre na religião? O sujeito em seu processo de construção do sistema de crenças, vai em busca da verdade espiritual que corresponderia a “sua verdade”, identificando-se com o que há de disponível no mercado religioso, incorporando elementos que podem pertencer ao sistema religioso budista, umbandista, cristão, protestante ou judeu. A construção do sistema de crenças pessoal, Hervieu-Léger define como bricolagem:

Os indivíduos compõem livremente sua “solução de crença” pessoal, mas o fazem utilizando fontes simbólicas que estão disponíveis, inseridas em fronteiras/limites determinados. Esta composição

depende do ambiente cultural e com as possibilidades de acesso de que o sujeito dispõe. (Hervieu-Leger 2001)<sup>14</sup>

Esta bricolagem se expressa no âmbito individual, particular e é exclusivo.

O indivíduo não enfrenta obstáculos ou faz sacrifícios, ao contrário, a conversão hoje não engendra nenhum comprometimento ou mesmo coerção, seja familiar, social ou profissional, o sujeito pode transitar entre várias religiões ao longo de sua vida. Destacamos o fato da conversão ter se tornado, atualmente, algo fácil, rápido e simples de ser realizado. A conversão à Renovação Carismática Católica ou ao Neo – Pentecostalismo, formas superficiais e afetivas do catolicismo e protestantismo, pode ilustrar nossa afirmação; o converso está diante de um sistema teológico simplificado, o que agiliza a conversão que se realiza no âmbito do emocional (Hervieu-Leger)<sup>15</sup>.

Diferentemente dessas religiões, a adesão ao judaísmo significa meses de estudos e familiarização com a cultura judaica. No judaísmo, a conversão não se realiza apenas no âmbito do emocional; trata-se de um longo e caro processo, que para ser formalizado, o candidato passa por vários rituais, que começam pela primeira entrevista com o rabino, quando o candidato tem de convencê-lo de que a sua intenção é “sincera”, faz parte deste ritual a tentativa do rabino desencorajar o candidato, rejeitando-o três vezes.

Bila Sorj explica a conversão como um longo processo de estudo, porque “a instituição que converte procura socializar, transmitir ao convertido aquilo que, para ela, distingue os judeus” (B. Sorj)<sup>16</sup>.

Na Comunidade Shalom, o curso de introdução ao judaísmo tem duração de um ano; o candidato passa por um exame final – o *Beit Din*<sup>17</sup>-

<sup>12</sup> DONNADIEU, Gerard. Vers un Marché du Religieux? Le Nouveau Paysage du Croire. *Futuribles*, Paris, n° 260, p.5 –21, Jan.2001. pág. 11 texto original em francês traduzido pela autora.

<sup>13</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle, Quelques Paradoxes de la Modernité Religieuse. Crise de Funiversel, planétarisation culturelle e renforcements communautaires. *Futuribles*, Paris, no 260. P-99-110, Jan.2001.p 107

<sup>14</sup> Idem. P.102 trecho original em francês traduzido pela autora. “Les individus composent librement leur “solution croyante” personnelle, mais ils le font eu utilisant des ressources symboliques dont la disponibilité demeure ensereé dans certames limites. Les premières tiennent à l’environnement culturel, les secondes aux possibilités d’accès dont dispose le sujet lui-même.”

<sup>15</sup> Ibidem. p 108

<sup>16</sup> SORJ, Bila, Conversões e Casamentos “Mistos”: A Produção de Novos Judeus. In: SORJ, Bila (Org.) *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Imago, 1997pag. 77

<sup>17</sup> Beit Din (hebraico, literalmente “casa de julgamento”) Tribunal religioso geralmente constituído de três juizes que trata de assuntos relativos a questões civis, divórcio e prosélitos.

quando ele é avaliado por três rabinos. Neste momento, o novo fiel já deve ter escolhido seu nome em hebraico que lhe vai ser “dado” em mais um ritual, todo o processo é concluído com um banho – a mikve<sup>18</sup>. Ao final deste longo processo, o novo fiel recebe um certificado – sua carteira de identidade judaica – que é redigido pelo rabino. Estes são os rituais que permitem ao converso ser admitido no grupo.

O custo da conversão é alto, não é apenas um comprometimento religioso, é também um investimento financeiro. Segundo o rabino Adrian Gottfried, o candidato, para dar início ao curso de conversão, deve associar-se à congregação e contribuir mensalmente, pois ele vai ser parte da comunidade e vai usufruir dos serviços oferecidos ao público comunitário.

Desta forma percebemos que o converso não terá apenas interiorizado os conceitos da religião judaica, mas, desde o início, ele fará parte da congregação. Este fato sugere um comprometimento financeiro, que parece estranho ao universo religioso, porém, tratando-se de “produto e consumidor” parece óbvio que apareça o fator que estava faltando: o dinheiro. Como Prandi nos esclarece: “os brasileiros, em geral, costumam pensar a religião como uma coisa pública e como do direito de todos. Ninguém precisa filiar-se, pois já se nasce católico e assim se permanece enquanto se viver, sem nenhum compromisso”<sup>19</sup> ... “Qualquer católico pode passar a vida inteira sem dar um centavo para a igreja”<sup>20</sup> “A expansão das religiões cuja filiação depende de gastos elevados em ritos de iniciação ou contribuição financeira sistemática, obrigatória e em montantes expressivos ... tem alterado substancialmente a concepção que se faz entre religião e compromisso financeiro; a religião vai deixando de ser entendida como pública, isto é, gratuita, em direito de todos no entender de nossa cultura, para se tornar privada. É preciso pagar para se fazer parte dela<sup>21</sup>.”

Vemos que a religião tornou-se um bem de consumo caro, o investimento do converso, muitas vezes, ultrapassa suas possibilidades

<sup>18</sup> Mikve (hebraico, significa “reunião”, “ajuntamento”) Piscina de água “viva”, acumulada da chuva ou de uma fonte, que é usada no ritual de purificação. Prosélitos devem mergulhar no mikve, como parte da conversão ao judaísmo, sendo essa a origem do batismo cristão.

<sup>19</sup> PRANDI, Reginaldo. Religião Paga, Conversão e Serviço. In: PIERUCCI, Antônio Flavio e PRANDI Reginaldo, *A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, Sociedade e Política*. 1ª edição, São Paulo, Hucitec, 1996. P. 257 – 273. p 266

<sup>20</sup> Idem pág. 267

<sup>21</sup> Ibidem pág. 268

financeiras. Uma comparação, aproximando extremos, são os gastos nos rituais de adesão ao candomblé ou às grandes somas entregues aos pastores das novas igrejas evangélicas.

No processo de formação do sistema de crenças pessoal, o indivíduo recorre a todas as ofertas do campo simbólico. “Do ponto de vista do indivíduo moderno ... [a religião] constitui a procura de emoções e de sentido para além dos limites tradicionais que separam as diferentes religiões..., a religião está liberada do controle institucional .... transforma-se em uma nova fonte de imaginação simbólica e ganha uma nova visibilidade .... uma *World-religion* visível e que se pode consumir sem ter que prestar contas às instituições tradicionais do tipo religioso, tudo isto está em parte, presente no fenômeno do *New Age*” (Pace 1997)<sup>22</sup>.

#### 4. Bricolage – um exemplo

Observemos como Laura se apropria e resignifica o simbolismo do elemento água em sua experiência de conversão. De forte significado simbólico em várias religiões, a água, não é aqui um aspecto de sincretismo, mas é o catalisador da *bricolagem*, é a partir de sua apropriação-identificação com o elemento água que Laura estrutura seu universo religioso. Vemos no trecho a seguir, o relato de Laura sobre seu exame de conversão e sobre a escolha de seu nome:

Depois eles perguntaram qual era a importância da água no judaísmo, eram 3 rabinos ... E eles foram perguntando e eu fui falando o que eu achava. Meio loco né, no segundo dia Deus separou a terra e o mar; Moisés, tem o Midrash<sup>23</sup>, Moisés descendo do rio, Moisés quando sobe no monte Sinai o povo pede água, isso é importante, é a hora que ele briga, que Deus briga com ele e fala que ele não vai entrar na terra prometida e tudo por causa da água que o pessoal pedia, Noé água, e aí me perguntaram quando chovia em Israel, e aí eu falei em Israel não chove muito. Tem reza de água, é a única coisa que eu não sabia, é que você pede pra que chova por causa das colheitas, todo o calendário judaico é o lado das colheitas, o lado agrícola, e as

<sup>22</sup> PACE, Enzo. Religião e Globalização. In: ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (Orgs.): *Religião e Globalização*. 2ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1999.P- 25-42. pág. 35.

<sup>23</sup> Midrash: (hebraico, significa “busca”, “procura”) Método homilético de interpretação bíblica no qual o texto é explicado diferentemente de seu significado literal.

grandes festas... Então tudo é baseado nisso, e tudo isso é água, então todos os problemas deles é água, problema de guerra é água, eles brigam pela água, isso eu não falei, o problema de guerra.

Mesmo quando fala sobre sua profissão, professora de natação:

a minha grande força é água e ele (seu irmão gêmeo) é terra, ele treina corrida e eu natação.

Ao fim da entrevista, com o gravador já desligado, Laura me pergunta se quero saber como ela escolheu o seu nome em hebraico, diante de minha afirmativa ela conta:

Então era pra ser Hanna, mais aí eu pedi pro Adrian quais eram os nomes relacionados com água, e ele falou, Gal – “onda”, Galit-”ondinha”, e Bat Yam – “filha do mar”, e escolhi Bat Yam, porque tem a ver com água, e, na umbanda, eu sou filha de yemanjá,

### **Considerações finais**

Diante das limitações deste trabalho, utilizamos muito pouco do material recolhido na entrevista. Nossa intenção era mostrar como o judaísmo, religião que até pouco tempo era considerada uma religião “fechada”, hoje faz parte da oferta de produtos simbólicos, disponíveis a todo aquele que se interessar a incorporá-lo em sua *bricolagem* pessoal. Vivemos em um tempo em que a sociedade é regida pela lógica liberal – sentido econômico – e neste sentido entendemos como as decisões individuais são valorizadas. Entendemos como a lógica liberal transforma a religião em um bem de consumo que visa a um bem estar individual.

Recorremos a Françoise Champion que nos esclarece como “O importante não é o fato de uma crença ser falsa ou verdadeira mas o que ela pode propiciar em termos de bem estar, de felicidade pessoal, e de ajuda nas dificuldades” (Champion 2001)<sup>24</sup>.

Vimos como o judaísmo institucional adapta-se às necessidades contemporâneas e torna-se mais compatível com a realidade de seus membros e ao mesmo tempo mais atraente aos que estão em um processo de construção de sua “verdade espiritual”. Assim percebemos como

elementos do Judaísmo e de tantas outras religiões podem ser reinterpretados, resignificados nos sistemas de crenças individuais.

### **Referências Bibliográficas:**

- CHAMPION, Françoise. Univers mystique-ésotérique et croyances parallèles. *Futuribles*, Paris, no 260, p.49-60, Jan. 2001.
- DONNADIEU, Gerard. Vers un Marché du Religieux? Le Nouveau Paysage du Croire. *Futuribles*, Paris, no 260, p.5-21, Jan. 2001.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. Quelques Paradoxes de la Modernité Religieuse. Crise de l’universel, planétarisation culturelle et renforcements communautaires. *Futuribles*, Paris, no 260. P-99-110, Jan.2001.
- PACE, Enzo. Religião e Globalização. In: ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (Orgs.): *Religião e Globalização*. 2ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1999.P- 25 –42.
- PRANDI, Reginaldo. A Religião e o Planeta Global. In: ORO, Ari Pedro e STEIL, Carlos Alberto (Orgs.): *Religião e Globalização*. 2º edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1999. p – 63-70.
- PRANDI, Reginaldo. Religião Paga, Conversão e Serviço. In: PIERUCCI, Antônio Flavio e PRANDI Reginaldo, A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, Sociedade e Política. P edição, São Paulo, Hucitec, 1996. P. 257 – 273.
- SORJ, Bila, Conversões e Casamentos “Mistos”: A Produção de Novos Judeus. In: SORJ, Bela (Org.) *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Imago, 1997. P. 67-86.

<sup>24</sup> CHAMPION, Françoise. Univers mystique-ésotérique et croyances parallèles. *Futuribles*, Paris, no 260, p.49-60, Jan.2001.pág. 57 trecho original em francês traduzido pela autora.